

romper estruturas pesadas, conservadas por província local e, após lutas ingentes e processos diversos, foram acolhidas responsavelmente pelo bispo Gregório, de Joinville; assim hoje a "Fraternidade Esperança" — que é uma "congregação em formação" — tem todas as suas "irmãs", sem exceção, inseridas em serviço libertador nos meios populares. As dores e incompreensões iniciais se tornaram sementes de uma VR vivida junto aos mais pobres como um desafio e questionamento a suas coirmãs.

**Recriar a VR em SC é sinônimo de admitir a vitalidade de Deus num processo libertador de comunhão e participação dessa Igreja-mistério, feita de santos e pecadores.**

Recriar a VR em SC é sinônimo de admitir a vitalidade de Deus num processo libertador de comunhão e participação dessa Igreja-mistério, feita de santos e pecadores. A mulher religiosa não pode viver amando a Deus, esquecida de seus irmãos e irmãs, sob pena de ser mentirosa (cf. 1Jo 4,20). Ela não pode decepcionar-se em sua opção, mas também não tem o direito de decepcionar suas irmãs e seus irmãos.

#### 7. Da negra e da "outra"...

A subserviência da mulher e o machismo emprestaram forte coloração à discriminação por sexo. Mas, a dupla marginalização se fez mais forte em relação à mulher negra e à "outra".

Ao que parece, SC não recebeu diretamente nenhuma africana bantu ou sudanesa. Foram poucas as escravas (e os escravos) de nação, isto é, africanas natas, aqui chegadas. A grande maioria foi crioula (já nascidas no país). Sua faina, geralmente, esteve ligada às casas de família; aí eram cozinheira, doceira, engomadeira, ama, etc. Outras pretas — já livres — vieram do RS, após a guerra do Paraguai. Pretas — escravas ou livres — sempre foram rejeitadas por nossas sociedades brancas dominadoras. A mesma marca de discriminação que essa brasileira carrega em outros Estados, aqui também se chega a sentir. Ela, por ser negra, foi judiada e usada, sugou-se-lhe tudo: desde o seio cheio de leite até à vida...

Atualmente a mulher negra em SC vem se articulando também no Movimento de Consciência Negra, na Pastoral do Negro, etc. As discriminações foram sustentadas, na prática, dentro da própria Igreja catarinense: veja-se quantas religiosas negras existiram ou existem entre nós...

Ao lado da negra, em último lugar está também a "outra". A "outra" pode ser a "mulher da vida", a concubina ou a amante. Fortemente recriminada pela sociedade tradicionalista e "de tradição", a "segunda mulher", ou "a da rua" marcou muito o planalto serrano. O fenômeno atinge proporções tais que a cidade de Lages é considerada em pesquisas da Unesco como uma das primeiras do país no sentido de tráfico de mulheres.

O problema econômico e o machismo no caso da "outra" foram neutralizados tão fortemente pela moral sexual que fez "dela" uma faltosa de tamanha gravidade. Evidenciá-la como pecadora era preciso, pois assim ficariam velados também um compromisso conjugal malcumprido, uma prepotência de classe social e abuso cultural; tudo em nome de uma moral com pedras na mão dos (e das) sem-direito-de-atirar-a-primeira-pedra (cf. Jo 8,1-11). Mesmo reprimida, a "outra" conseguiu sobreviver para ser uma denúncia viva de que o erro transcende a sua vida fácil. Também essa "outra" passou a associar-se, constituindo os chamados grupos de "Mulheres marginalizadas", pois, se ainda não tem a certeza plena de preceder aos "bons" no Reino dos céus (cf. Mt 21,31s), ao menos quer mitigar a dor da pobreza e a humilhação de ter sido traída e rejeitada.

**Para ir concluindo: Na construção da sociedade nova, tiram-se lições das sete mulheres catarinas e da Trindade Santa**

A emergência das sete mulheres catarinas e outras mais passa a questionar o romantismo de "mulher catarinense", exigindo um maior realismo da própria sociedade. O empobrecimento crescente que nos atinge, torna mais forte o grito de significativa parcela de nossa gente. Deus foi-lhe emprestando sua voz, e a voz de Deus agora brada pelo "êxodo" dos preconceitos rumo à dignificação de todos, fazendo que últimos passem a primeiros lugares. É mister reconhecer que indissolivelmente ligadas à construção de nossa sociedade estão as mulheres, apesar de parecerem ausentes. As sete mulheres catarinas — aqui prototipificadas histórica e sociologicamente — nós dizem que Deus revela grandes coisas aos sábios e aos pequeninos. Impõe-se, pois, às cristãs e aos cristãos uma nova leitura corajosa desses anseios divinos para fazer novo e de novo o anúncio do Evangelho. O feminino catarina suscita desafios como os que procedem do Deus Libertador.

**Deus mãe-pai faz desdobrar sobre suas filhas e filhos a plenitude da vida trinitária na medida em que os homens e a própria Igreja acolherem em seu seio a mulher — particularizadamente a mulher pobre e empobrecida.**

Na Trindade, a dissemelhança propõe a intimidade e a comunhão gera a vida. Deus mãe-pai faz desdobrar sobre suas filhas e filhos a plenitude da vida trinitária na medida em que os homens e a própria Igreja acolherem em seu seio a mulher — particularizadamente a mulher pobre e empobrecida. A gente catarina acreditará e se valerá do Deus dos cristãos à medida que a aceitação do plano divino for recuperado: a igual dignidade de suas filhas e filhos. É certo que a dignidade não passa só pela desmontagem sexista. Todavia, sem reconhecer a necessária presença do sexualmente diferente, serão inviáveis a fraternidade e a comunhão geradas no modelo trinitário.

A recuperação da primordial igualdade mulher/homem e a restauração da dignidade da mulher — necessidades inadiáveis para o estabelecimento do Reino — hão de ser simultâneas não apenas à criação de supletivos programas alternativos, mas à universalização dos direitos básicos de vida. Tal possibilidade somente será viável à medida que se supere o atual modelo econômico-social vigente. Se no passado ele foi chance para promover até certo nível algumas pessoas, é urgente a busca de um sistema social mais amplo e melhor — mesmo que o ideal ainda não exista — a fim de que se concretizem os sonhos da utopia virar topia.

Também a lição destas sete mulheres catarinas pode apresentar interpelações profundas e contribuições efetivas para a busca desse novo que nós já antevemos como que por espelhos.

Endereço do autor:  
Casa Paroquial — Guarujá  
88500 LAGES — SC

## A Sexualidade Feminina

Pe. Orlando Brandes  
Professor de Teologia Moral

### Introdução

A Encíclica Pacem in Terris de João XXIII, publicada na Páscoa de 1963, chama a atenção para três fenômenos que caracte-

rizam nossa época: o operariado, a libertação política e a mulher (nº 39-41). É neste contexto que ofereço aqui algumas reflexões sobre a sexualidade feminina.

Estamos acostumados a encarar a mulher como "segundo sexo" e a conviver com a feminilidade sob a ótica da vassalagem, sexo frágil, passivo, procriativo. O outro lado da questão é a emancipação da mulher, sob a guia dos movimentos feministas que declararam "guerra ao macho", e a abertura das comportas da repressão. São os tempos da revolução sexual, tanto que o Documento de Puebla denuncia a "exasperação sexual" dos nossos dias.

O presente artigo tenta mostrar que é preciso chegar a uma síntese entre repressão e revolução sexual. Bem escreveu Marta Sintes que a época da "queima do sutiá" já passou. É bem verdade que numa sociedade afrodisíaca e falocêntrica, neurotizada pelo novo tabu sexual do sucesso orgásmico a toda prova, tal síntese é ainda um desafio. Todavia os sinais promissores da nova sexualidade já despontam.

Masters e Johnson descobrem em laboratório que a mulher tem capacidade de ter sucessivos orgasmos numa única relação sexual. Os estudos de Gräfenberg vieram constatar que no interior da genitália feminina há uma região de alta sensibilidade que, se estimulada de modo conveniente, provoca intenso prazer. Esta região chama-se "ponto G". Localizado na parede vaginal, o "ponto G" torna-se túmido e oval durante o coito, tomando a forma de um grão de feijão.

Françoise Dalto, sexóloga francesa, distingue quatro orgasmos femininos: clitoriano, vulvar, vaginal e útero-axial. Este consiste em movimentar o útero articulando-o com os movimentos vaginais.

Além destas descobertas fisiológicas, temos outras interessantes contribuições relativas à sexualidade feminina. Assim, a famosa feminista Betty Friedan, propõe uma "segunda etapa" do feminismo. Não mais a guerra contra o macho, mas a conquista da mulher ao lado do homem, onde a família não é mais obstáculo à realização da mulher, mas tornou-se uma questão feminista de máxima importância.

Igualmente relevantes são os estudos da antropóloga Margaret Mead a respeito da sexualidade e cultura. Sobre este tema ainda voltaremos nas páginas seguintes. Despertam ainda muita curiosidade os movimentos de Contra-Revolução-Sexual, conhecidos como "A Nova Castidade" dando primazia à virgindade, casar de branco, relações só no casamento, etc.

O estudo da sexualidade feminina é um desafio porque exige a compreensão de suas diferentes dimensões: inveja do pênis, complexo de castração, lesbianismo, menstruação, frigidez, gravidez, parto, aborto, virgindade, métodos anticoncepcionais, menopausa, temor à defloração, prostituição, viuvez, biogenética, útero de empréstimo, adultério, psicologia feminina e outros.

O presente artigo vai privilegiar algumas dimensões, a saber: o aspecto psicológico, o feminista, o teológico-moral e o cultural, com ênfase a ser dada à realidade latino-americana.

### 1. O Aspecto Psicológico da Sexualidade Feminina

Antigamente a sociedade impunha à mulher severas restrições no campo sexual e social, mas favorecia o desenvolvimento de suas atividades e funções maternas. As conseqüências destas restrições foram a histeria, e outras manifestações neuróticas na mulher. Atualmente o quadro está mudando. A mulher adquiriu mais liberdade sexual e social mas, por outro lado, as circunstâncias culturais, sociais e econômicas impõem graves restrições à maternidade. As jovens de hoje sabem dirigir carros e até aviões, assumem cargos sociais, mas freqüentemente não sabem amamentar suas crianças e pouco entendem das coisas do lar. É a nova condição feminina que está emergindo e, com ela, a nova sexualidade.

Com Freud, deu-se um grande salto no estudo do sexo infantil. A menina, segundo a concepção freudiana, tem inveja do pênis, e sofre o complexo de castração. Isso provoca um sentimento de inferioridade na mulher. A menina liga-se ao pai na

esperança de receber dele um pênis. Pouco a pouco transforma este desejo em outro: receber como presente do pai, um bebê. Assim a sexualidade feminina passa por três mudanças: abandonar a mãe pelo pai, deslocar o prazer clitoriano para a vagina e transformar os desejos sexuais ativos em passivos. Só uma mãe amorosa conquistará a menina e esta passará a imitar sua mãe. Se a relação com a mãe for conflituosa, existe o perigo de que mais tarde repita os mesmos conflitos com seu marido, substituindo-o pela imagem materna. Estas são as teses centrais do pensamento freudiano.

Helene Deutsch, psicanalista de muito prestígio, traz outra contribuição na compreensão da sexualidade feminina. A menina em certo momento abandona a mãe e busca o pai, porque ele representa o mundo exterior. Essa busca do pai requer uma certa agressividade em relação à mãe e tendência erótica em relação ao pai. Portanto, a inveja do pênis não é o sentimento fundamental, mas sim o "trauma genital", que consiste na percepção da insuficiência do clitórís e o desconhecimento da existência da vagina. O conflito básico é a carência de um órgão sexual ativo e o desconhecimento da existência da vagina.

Karen Horney admite a inveja do pênis, mas não como conflito básico, pois a menina tem conhecimento precoce da vagina, identifica-se com a mãe e tem desejo de ter um filho com o pai. Tem, sim, inveja da mãe, deseja ser igual a ela, mas teme sofrer um dano vaginal por suas relações com o pai. Isso traz angústias e temores. Então sim, terá inveja do pênis, reprimindo a sensibilidade vaginal.

Ernest Jones elaborou o conceito de "aphanasis" que consiste em a menina ver-se privada de toda a possibilidade de gozo sexual a partir do medo da castração do pênis, vagina, ânus e boca, fato que provoca uma fixação no clitórís. Outro dado elucidado por Jones é que a menina se coloca contra a mãe quando esta não lhe dá todo o leite, imaginando que o leite materno é dividido entre ela e o pai. Crê também que a mãe recebe do pai um mamilo-pênis com leite muito mais generoso, e que no interior da mãe existe leite, pênis e filhos. Por isso desejaria entrar dentro do corpo materno para apossar-se destes bens. Teme tudo isto e deseja ter um pênis que para ela é uma espécie de seio mais potente. Quer tê-lo para dá-lo à sua mãe. Simultaneamente o pênis é também uma arma agressiva que ela pode usar contra a mãe.

Melanie Klein tem outras contribuições. As crianças pequenas tentam imaginar o coito dos pais. Acreditam que a mãe alimenta o pai com o seio e que ele, por sua vez, alimenta a mãe com seu pênis. Daí o ódio precoce contra a mãe e a rivalidade com o pai. Surge então o temor básico da menina: o de ser destruída. Além disso a criança tem duas idéias sobre o seio. A de um seio bom que lhe dá o leite, e a de um seio mau que parece uma arma perigosa. Mais tarde, na vida adulta, muitas mulheres terão dois sentimentos opostos em relação ao ato sexual: o de incorporar um pênis bom que acalma suas angústias e o de incorporar um pênis mau, cujas conseqüências são o surgimento de doenças psíquicas, negativismos e pessimismos

**Percebemos quão fundamental é a sexualidade infantil na formação da pessoa humana e como os pais exercem um papel insubstituível.**

Nesta breve síntese sobre o aspecto psicológico da sexualidade feminina percebemos quão fundamental é a sexualidade infantil na formação da pessoa humana e como os pais exercem um papel insubstituível. Já Neil tinha escrito: "Não há criança-problema, e sim pais-problema". Mesmo que a sexualidade freudiana tenha ainda um caráter bastante machista, ou seja, centralizada na importância do pênis, e por isso foi contestada por Horney e Klein, vale a pena estarmos atentos para estas dimensões da sexualidade numa perspectiva da libertação da mulher. Passamos agora para o segundo ponto do nosso estudo.

## 2. O Aspecto Feminista da Sexualidade Feminina

Emancipação feminina, direito sobre o corpo, guerra ao macho, amor livre, fim da repressão, libertação sexual, união livre com o fim do casamento jurídico e religioso, direito ao prazer, são propostas do radicalismo feminista e dos interesses ideológicos dos Meios de Comunicação Social.

Sabemos que o feminismo passa por uma revisão, mas mesmo assim, toda absolutização da liberdade gera novo tipo de opressão e vem de mãos dadas com a anarquia. Por outro lado, as nações chamadas livres e progressistas impõem um "imperialismo sexual", diz Charboneau. As importações em mercado de sexo aliadas ao mimetismo próprio do ser humano acabam por introjetar nas consciências o consumismo sexual das culturas capitalistas. Os países nórdicos dão a impressão de se ter tornado modelos de saúde sexual. O *Relatório Kinsey* e posteriormente o *Hite* tornaram-se a bíblia da sexologia. Tal sexismo é mais uma exploração econômica às custas da libertação da mulher.

Existe pois uma pseudolibertação sexual que contribui fortemente para o declínio da civilização. O tabu está acabando e veio a vulgarização e o "tédio sexual". Novos poderes comandam o sexo: a ciência, a medicina, a indústria farmacêutica, o cinema, a tecnocracia, as editoras, os Institutos de sexologia.

Diante do dilema ou tabu ou revolução sexual, Paul Ricoeur propõe a busca da "simpatia sexual", que consiste na descoberta do verdadeiro sentido da sexualidade humana. Demonstrou também que o erotismo tende para a morte, é narcisista, centralizado no eu e na satisfação imediata do desejo, acabando por destruir o companheiro sob a tirania do eu erotizado. A soma final do erotismo, diz J. Janniére, é a solidão e o nada, pois a filosofia do erotismo é a afirmação de si e a negação do outro. Em sexo há duas escolhas possíveis: a escolha de si e o sacrifício do outro, ou a escolha do outro e o sacrifício de si.

### ***E. Fuchs denuncia o "ativismo do prazer", pregado pelo novo magistério da sexologia, onde o orgasmo é a suprema lei.***

E. Fuchs denuncia o "ativismo do prazer", pregado pelo novo magistério da sexologia, onde o orgasmo é a suprema lei. O sexo assume a função de Deus, ele é adorado e dele se espera a resposta para todas as necessidades dos homens. Até a criança hoje é objeto sexual. Tal erotismo é o novo "ópio do povo", pois funciona como escape da angústia, da frustração, da ansiedade, assegurando o sucesso do consumismo. É a legalização da "ética do playboy". Esta permissividade, que parece colaborar com a emancipação da mulher, é uma forma de demissão, ou seja, a incapacidade de solução dos problemas encontra um recurso: a alienação sexual. É um fechar os olhos sobre a realidade, uma indiferença pela transformação. O triunfo do libertino é sempre uma amarga derrota.

A feminista Marta Suplicy trouxe algumas contribuições, a respeito da sexualidade e do feminismo, que são muito relevantes. Escreve a autora que não se deve confundir feminismo com aquisição de comportamentos ditos libertos, mas que não passam de posições tipicamente masculinas: agressividade, autoritarismo, possuir amantes, sexo pelo sexo. Isso às vezes chega a lembrar o comportamento dos adolescentes, que, para se encontrarem, têm de negar os valores que lhes são próprios. Assim é a mulher que adquire comportamentos do machão e do adolescente simultaneamente.

Quando a libertação sexual ocorre sem educação sexual, as conseqüências podem ser desastrosas, diz a citada autora, gerando "campeonatos" de atletismo sexual, obrigatoriedade de orgasmo, promiscuidade e esvaziamentos. Sexo vira apenas programa rápido e rasteiro.

Outra coisa é a reivindicação feminista da emancipação da mulher, que quer ser ela mesma e quer um companheiro sensível,

amoroso, delicado e respeitoso, que tenha uma proposta de crescer a aprender junto. Autonomia da mulher não significa transar sem compromisso, nem declarar guerra ao homem, mas a busca da nova mulher é ao mesmo tempo a busca do novo homem e da nova sociedade. Só um corpo bonito e cheiroso, mas cabeça vazia, não é libertação, nem é proposta válida para a transformação das estruturas de poder e dominação. O feminismo sadio é a busca de uma nova ordem.

Nesta mesma direção reflete Siloé Pereira Neves, a partir de uma pesquisa de campo feita por ela mesma, na qual constatou que o discurso da mulher revela sua falta de afeto, de querer ser amada. As mulheres se colocam no mundo basicamente pelo afeto, e por ele são capazes de esperar, sofrer e sustentar as maiores lutas. Necessitam do outro para sentirem a vida. No afeto está a satisfação de ser, o significado do cotidiano. Para ter vida é preciso ter afeto. A sexualidade feminina, diz Siloé, exige o relacionamento personalizado, a compreensão e o afeto. O que conta é ser amada e não tanto o ter relações. Sem aconchego, a vida se torna estéril. O que dá vida são os relacionamentos significativos. A tendência da mulher é ser integradora, solidária, companheira, e não tanto competidora. Alimenta a vida com o desejo de união partindo do vivido em casa para o social. Do microcosmo para o macrocosmo. Homem e mulher, nesta nova erótica, são a semente de uma nova sociedade fundamentada na igualdade e na distinção.

Estas reflexões de Marta e Siloé indicam uma superação do feminismo radical e uma proposta aberta e libertadora da sexualidade feminina em vista da nova sociedade, que passa pela nova erótica, não mais escrava da repressão nem do permissivismo mas em busca da simpatia sexual. Nova mulher, novo homem, nova sociedade.

## 3. O Aspecto Teológico-Moral da Sexualidade Feminina

Na Bíblia, a sexualidade aparece como sabedoria de Deus Criador e complemento de sua ação criadora. Homem e mulher recebem de Deus o apelo de lutar contra o mal e o caos inicial. A vida sexual é uma bênção e continuidade da criação.

A diferenciação sexual é antes de tudo uma experiência relacional, unitiva, portanto uma experiência de autoridade. Homem e mulher se encontram para ser mais, crescer, relacionar-se. O amor é primeiro uma realidade relacional-criadora. A sexualidade é dada ao homem como instrumento de humanização. A mulher é companheira, é ajuda, igual ao homem em dignidade.

O Concílio Vaticano II, no Documento "Gaudium et Spes" n: 49, ensina que a sexualidade humana tem dois significados: o unitivo e o procriativo. Está superada a visão apenas procriativa do sexo nos meios católicos. O magistério oficial reconhece o aspecto afetivo como essencial à sexualidade. Na verdade ninguém morre por falta de sexo, morremos por falta de afeto, diz Snoek.

Entende também a Igreja que a defesa dos métodos naturais em relação à contracepção, é uma defesa da dignidade da mulher. Todos os métodos artificiais são injustos porque as conseqüências dos mesmos recaem sobre a mulher. Neste sentido os métodos naturais são mais justos porque requerem a colaboração do homem.

Igualmente as novas formas de vida matrimonial nem sempre contribuem para a libertação sexual da mulher. Assim, o casamento de experiência, diz Thévenot, é muito questionável visto que ali os casais vivem como expectadores de si próprios para saber como as coisas vão correr. O que está no centro de um casal "de experiência", é a suspeita e a desconfiança. Suspeita-se de si mesmo, de não poder corresponder e suspeita-se de que o outro também não possa corresponder ao que dele se espera. Tais experiências jamais são absolutamente conclusivas.

## **As relações sexuais pré-matrimoniais nem sempre são expressão de liberdade.**

As relações sexuais pré-matrimoniais nem sempre são expressão de liberdade. Por elas o machismo também se impõe, visto que os parceiros podem dividir o prazer, mas eles não dividem o peso e as conseqüências destas relações. Estas recaem todas sobre a mulher: gravidez, mãe solteira, aborto, etc., tudo recai sobre a sexualidade feminina.

O matrimônio monogâmico e indissolúvel, quando realizado com maturidade é o lugar privilegiado da realização da mulher e do homem. Bem atestou E. Fromm que o ser humano quer ser amado de modo profundo e definitivo. Esta constatação da psicologia vem de encontro à revelação divina sobre o matrimônio fiel e perene.

### **4. O Aspecto Cultural da Sexualidade Feminina**

Nos seus estudos sobre a erótica latino-americana, E. Dussel aponta alguns elementos culturais de nossa erótica: os Incas acreditavam que o feminino tinha parentesco com a lua, o mar, as águas. O Lago Titicaca é a mãe de todos os deuses. Segundo Dussel, a sexualidade Inca está centrada na mulher.

Os conquistadores, por sua vez, com sua vontade de poder e dominação, faziam das índias suas servas sexuais. Realizavam um coito fora dos costumes indígenas e fora dos costumes católicos. Era o sexo opressor. O abraço entre o conquistador católico e a índia americana é a erótica originária da América Latina. O ethos do conquistador, opressor, poderoso é o mesmo ethos sexual. Sobre a mulher também havia o direito de conquista. A esposa devia ser virgem, mas conquistar índias virgens e seduzi-las era uma vitória para o conquistador. Ficou entre nós latino-americanos, o costume de copular com as moças de classe inferior e conservar virgem a moça burguesa.

Ainda hoje esta erótica tem sua expressão principalmente nos ambientes rurais. As pesquisas de Rose Marie Muraro, atestam que a mulher burguesa exhibe o corpo para vender beleza, enquanto a mulher pobre tem um corpo para a produção. A burguesa favorece a indústria da moda, consumo e prazer. O corpo da operária é para o trabalho, procriação, maternidade.

Fátima Quintas, após oito meses de pesquisa de campo sobre a mulher e o sexo nas camadas de baixa renda, conclui: para o homem existe a moral permissiva, para a mulher uma ética proibitiva. Ao homem cabe a liberdade, à mulher a proibição de ser. A história da mulher é uma história de silêncios e submissão passiva ao homem.

O Instituto Paulista de Pesquisa de Mercado realizou uma enquête sobre os hábitos sexuais dos brasileiros e chegou às seguintes conclusões quanto à sexualidade feminina: a mulher prefere manter relações à noite, no quarto da própria casa. Ela conhece muito pouco a própria fisiologia. Poucas mulheres se masturbam. Pílula e ligação das trompas são os métodos anticoncepcionais mais usados. Diminui a exigência da virgindade feminina, mas cresce a preocupação pelo sucesso no orgasmo. Para as mulheres entrevistadas, o sexo só tem sentido se associado a um envolvimento amoroso.

Conheceu grande sucesso o artigo de L. Boff, intitulado: "Masculino e Feminino o que é"? O referido artigo traz ótimas referências ao aspecto cultural da sexualidade.

**Cada pessoa é varão e mulher simultaneamente. O varão possui a mulher dentro de si e vice-versa. O varão não esgota a virilidade. Esta se encontra também na mulher.**

Cada pessoa é varão e mulher simultaneamente. O varão possui a mulher dentro de si e vice-versa. O varão não esgota a virilidade. Esta se encontra também na mulher. Existe, pois, feminilidade no varão e virilidade na mulher.

Segundo L. Boff, o feminino tem traços de repouso, mistério, obscuridade, profundidade, interioridade, noite, morte, sentimento, geração, receptividade, vitalidade. A tarefa de cada pessoa é integrar masculinidade e feminilidade dentro do seu projeto de ser. Masculino e feminino não são propriedades biológicas apenas, mas traços profundos e dimensões ontológicas de cada pessoa humana. O varão encontra primeiro o feminino dentro de si e depois fora de si. O mesmo acontece com a mulher. Primeiro ela encontra-se com o masculino dentro de si, depois no exterior.

Masculino e feminino são muito marcados pelas culturas. Os estudos de M. Mead têm mostrado que na Nova Guiné as mulheres são robustas, agressivas, organizadoras; e os homens são emotivos, graciosos, faladores, dançarinos, dados às artes, muito sensíveis, não guardam segredo, brincam com as crianças e são dados a trabalhos domésticos.

Estes estudos confirmam a tese de K. Jung, que afirmam a existência de Anima no homem e de Animus na mulher. A tarefa é, pois, harmonizar as duas maneiras fundamentais de ser como masculino e feminino, superando o modelo "dominador-dominado" e reinventando o relacionamento adequado entre o homem e a mulher.

### **Conclusão**

Estudar a sexualidade feminina é descobrir cada vez mais a identidade da mulher, seu ser, seu mistério, sua missão, mas é ao mesmo tempo descobrir o homem, pois o ser humano é andrógino. Dentro do homem mora a mulher, dentro da mulher mora o homem. Cada pessoa é uma combinação de polaridades masculinas e femininas. Penso que aqui pode estar uma das raízes do lesbianismo e do homossexualismo.

No que tange o aspecto psicológico, a sexualidade feminina depende muito da sexualidade infantil, do acolhimento que a menina recebeu como menina por parte de seus pais. É preciso saber ser pai e ser mãe para que a futura mulher possa ser sexualmente realizada.

Em termos de libertação da mulher, creio que já conhece o caso a agressividade feminista, a qual privilegiou a revolução sexual, o permissivismo. Hoje existem propostas bem mais humanizadoras e realmente feministas. Um fato ainda chama muito a atenção, ou seja, é sintomático que com a exaltação do orgasmo aumenta paradoxalmente a frigidez feminina, sem falar da prática abortiva, gravidez indesejada, etc.

**A sexualidade feminina denuncia o machismo de ontem e de hoje e promove o aparecimento de uma nova sexualidade masculina. É a esperança numa "justiça erótica" que restabelece a igualdade entre os sexos.**

A sexualidade feminina está estruturada sob o prisma do afeto, do carinho, do relacionamento amoroso profundo. Mais eros que sexo, mais coração que corpo, mais doação que erotismo. Neste sentido a sexualidade feminina denuncia o machismo de ontem e de hoje e promove o aparecimento de uma nova sexualidade masculina. É a esperança numa "justiça erótica" que restabelece a igualdade entre os sexos. A justiça erótica tem o papel de ser condutora de outras justicas, de ser missionária de uma nova sociedade. Homem e mulher são sementes das relações de igualdade que deveriam reger os homens e mulheres, os pobres e

ricos, os pretos e brancos, o norte e o sul do novo mundo.

A sexualidade feminina com sua identidade própria tem a missão de reeducar sexualmente o homem de hoje, que consiste numa nova cosmovisão erótica onde o estar com o outro, querer o bem do outro, desejar que ele seja e seja plenamente, defina o enfoque decisivo da vivência sexual da humanidade. Nem anjo, nem animal; nem puritano, nem libertino; nem tabu, nem permissivismo, o desafio atual está na descoberta do sentido da sexualidade humana.

Ademais, masculino e feminino vêm recordar que ninguém basta a si mesmo. O varão está aberto a uma transcendência que lhe permite o encontro com a mulher e esta com o varão. Ambos buscam o face a face com o grande Outro, Deus. O sexo é uma força de transcendência.

Finalizando o presente trabalho, devo dizer que percebi nos autores consultados um "sentimento oceânico" a respeito da sexualidade feminina, um sentimento que rejeita o falocentrismo dos estudos da sexualidade tradicional e o pouco interesse em relação aos direitos da sexualidade feminina no seu sentido amplo. É preciso denunciar a educação "fabricadora de machos" e a dupla moral. Nestes tempos de revolução sexual, precisamos contribuir com a libertação da mulher, não fazendo o jogo do consumismo erótico, mas descobrindo a sabedoria do Criador do homem e da mulher. Com João Mohana, podemos dizer: "Não tenhamos vergonha de falar, do que Deus não teve vergonha de criar". Nem desprezo, nem culto do corpo, mas "simpatia sexual", na esperança do surgimento do novo homem para uma nova mulher numa nova sociedade.

#### Bibliografia

- 1) Boff, L., "Masculino e Feminino, o que é?" — Apostila
- 2) Dalto, F., "Sexualidade Feminina", Ed. Martins Fontes, SP, 1984
- 3) Langer, M., "Maternidade e Sexo", Ed. Artes Médicas, P. Alegre, 1981
- 4) Neves, P. S., "Homem, Mulher e Medo", Ed. Vozes, Petrópolis, 1966
- 5) Quintas, F., "Sexo e Marginalidade", Ed. Vozes, Petrópolis, 1986
- 6) Smirgel-Chasseguet, "A Sexualidade Feminina", Ed. Vozes, Petrópolis, 1975
- 7) Suplicy, M., "Condição da Mulher", Ed. Brasiliense, SP, 1985

Endereço do autor: Instituto Teológico de Santa Catarina — Cx. Postal 5041 — 88041 — Florianópolis — SC.

## A MULHER NO SIRÁCIDA

Pe. Ney Brasil Pereira  
Professor de Exegese

#### Introdução

Poderia ter intitulado este trabalho "A mulher do Sirácida", menos de acordo com o título das outras pesquisas neste número da nossa revista, mas talvez expressando melhor a nossa curiosidade em saber afinal quem era, essa mulher que certamente contribuiu de alguma forma para as abundantes e contrastantes considerações de Jesus Ben-Sirac sobre o tema.

Terá sido ela uma esposa ideal, como nos daria a entender Sir 26, 1-4, que expressa a bem-aventurança do marido bem casado? Terá sido ela a mãe digna do respeito e veneração de seus filhos, respeito partilhado com o marido, de que trata Sir 3,1-16? Terá sido ela a esposa encantadora, casta e sensata, que desperta os arroubos poéticos de Sir 26, 13-18? Ou, pelo contrário, terá sido ela a megera capaz da maldade e do veneno mais terrível, de que fala Sir 25, 13-15? A "canga-de-boi mal ajustada" de que fala Sir 26,7? A triste sucessora daquela por

quem o pecado começou, e por cuja causa "todos nós morremos", conforme Sir 25,24? Terá, enfim, sido ela tão perversa, a ponto de suscitar o desabafo de Sir 42,14: "É preferível a maldade do homem à bondade da mulher"?

Como vê o leitor, estamos diante de um enigma, que provavelmente não se resolverá pela disjunção ou-ou, mas que nos faz seriamente pensar na situação familiar pessoal do Sirácida. Terá sido ele infeliz em sua vida familiar? Ou é a sua múltipla experiência, atestada tão ricamente no seu livro, o mais volumoso dos Sapienciais, que lhe dá autoridade para tais considerações, não necessariamente refletindo sua situação pessoal?

Acontece que também Coélet (o Eclesiastes), livro sapiencial anterior ao Sirácida, escrito provavelmente no século IV aC, numa passagem difícil (Ecl. 7,26), assim se exprime sobre a mulher:

"Descobri que mais amarga que a morte é a mulher, porque ela se constitui numa cilada e seu coração é uma rede e seus braços, cadeias. Quem agrada a Deus livrar-se-á dela, mas o pecador será por ela colhido."

E no v.28 assim prossegue: "Se entre mil encontrei só um homem, / mulher, entre todas, não encontrei uma sequer" (Ecl. 7,28). Desilusão total? No entanto, sem falar de outra interpretação possível desse texto (1), o próprio Coélet parece retificar ou completar seu pensamento, escrevendo assim:

"Desfruta a vida com a mulher que amas, todos os dias que dure a tua vida feliz que Ele (Deus) te concedeu debaixo do sol. . . pois esta é a tua porção na vida e no trabalho com que te afadigas debaixo do sol" (Ecl. 9,9).

Isto é, também no Coélet, embora apenas nessas duas passagens, temos expresso o contraste que acima notamos no Sirácida. Vamos, pois, pesquisar o tema da mulher neste autor, não tanto para conseguir o resultado impossível de recuperar a figura de sua anônima esposa histórica — resultado, aliás, de menor interesse — mas para tentar ver se é possível uma síntese entre afirmações tão negativas ao lado de outras positivas sobre a mulher, e uma síntese que possa ser relevante para a nossa realidade latino-americana, brasileira e catarinense. Começarei por uma breve apresentação do autor e sua obra, um esboço do tema da mulher nos Provérbios, e finalmente a abordagem direta da mulher no Sirácida.

#### I. O autor e sua obra

O livro do Sirácida, somado a Jó, Provérbios, Coélet, e Sabedoria ("de Salomão"), forma o conjunto dos cinco livros chamados "Sapienciais"; cujo tema maior é a sabedoria e sua busca. Vários títulos lhe couberam, no decurso da história. Conhecido originalmente como "Sabedoria de Ben-Sirac" ou "Provérbios de Ben-Sirac", foi depois, em ambiente cristão, chamado "Eclesiástico", já a partir do III século de nossa era. E isto porque era muito popular na preparação dos catecúmenos e foi também assaz usado na liturgia romana. Infelizmente esse título levou e leva a confundir-lo com o "Eclesiastes", título greco-latino do Coélet. Por isso melhor seria optarmos definitivamente pelos títulos distintos "Sirácida" e "Coélet" com as citações respectivas *Sir* (= Eclo) e *Co* (= Ecl).

O Sirácida foi escrito em hebraico, por volta de 190 a 180 aC, embora já em pleno período da dominação helenista, que chega à Palestina em fins do séc. IV aC. Seu autor é um judeu de Jerusalém (50,27), a pequena capital da pequena Judéia do seu tempo, num período que viu a passagem da dominação dos Lágidas (Ptolomeus) do Egito para os Selêucidas (Antíocos) da Síria. Período aparentemente tranqüilo, porque nenhuma agitação transparece ao longo do livro, a não ser no fervor da súplica fervorosa pela libertação e restauração de Israel em 36,1-17, súplica, aliás, precedida pela profética denúncia dos sacrifícios injustos (34,18-35,10) e pelo também profético anúncio da justiça divina que "não tarda" a agir em favor do seu povo (35,11-24).

O livro, escrito aparentemente sem plano, e talvez resultado